

# O tempo do falo, o intercâmbio: um Camões e uma Luiza, com Chapeuzinho a meio

Luís Maffei\*

## Resumo

Pensar o erotismo implica pensar o tempo, não cronologicamente, mas a partir de atualizações que têm lugar especialmente nas artes. É constante, na história da cultura, a discussão acerca do masculino e do feminino, muitas vezes de modo dicotômico. À literatura é dado pôr em suspeita diversas convenções, inclusive as que dizem respeito à sexualidade. No que toca à questão do “falo” em literatura portuguesa, dois poetas são de fundamental importância: Camões, evidentemente, e Luiza Neto Jorge, nome marcante da poesia portuguesa do século XX. Cria sentidos interessantes lê-los trazendo à reflexão um livro infantil de nome **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**, pois, para além do encontro profícuo entre gêneros aparentemente distintos, um dos fulcrais problemas do livro em questão é o falo como item forte da relação entre masculino e feminino.

**Palavras-chave:** Tempo; Falo; Camões; Chapeuzinho Vermelho; Luiza Neto Jorge.

Camões, poeta erótico. Lugar-comum, que funciona como amálgama para uma reflexão sobre erotismo, decerto, mas também sobre o tempo e a memória da relação tensa entre feminino e masculino. O que interessa a este texto, em verdade, é o falo, mas a partir de mulheres, ou melhor, do feminino. Memória do falo, pertença do falo: em grande medida, coisas de mulher. Um Camões:

Aquela cativa,  
que me tem cativo,  
porque nela vivo

---

\* Universidade Federal Fluminense

já não quer que viva.  
Eu nunca vi rosa  
em suaves molhos,  
que para meus olhos  
fosse mais fermosa.

Nem no campo flores,  
nem no céu estrelas,  
me parecem belas  
como os meus amores.  
Rosto singular,  
olhos sossegados,  
pretos e cansados,  
mas não de matar.

Ôa graça viva,  
que neles lhe mora,  
para ser senhora  
de quem é cativa.  
Pretos os cabelos,  
onde o povo vão  
perde opinião  
que os louros são belos.

Pretidão de Amor,  
tão doce a figura,  
que a neve lhe jura  
que trocara a cor.  
Leda mansidão  
que o siso acompanha;  
bem parece estranha,  
mas “bárbara” não.

Presença serena  
que a tormenta amansa;  
nela enfim descansa  
toda a minha pena.  
Esta é a cativa  
que me tem cativo,  
e, pois nela vivo,  
é força que viva.  
(CAMÕES, 2005, p. 89-90)

Bárbara não é o nome da “cativa”, “bárbara” sequer a “cativa” é. A não-bárbara é uma mulher que se encontra, nas endechas, no máximo grau da feminilidade. Não é absurdo ver nesse Camões uma espécie de teoria do

feminino, ou melhor, da relação erótica que tem lugar entre mulher e homem. Sim, a mulher vem primeiro, ao contrário do que ocorre na narrativa bíblica: “(...) Deus fez cair um profundo sono sobre o homem, e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das costelas e fechou então a carne sobre o seu lugar. E da costela que havia tirado do homem, (...) Deus passou a construir uma mulher e a trazê-la ao homem.” (GÊNESIS, 2: 21, 22). Trata-se de uma das mais antigas memórias da humanidade, ao menos na internalidade do relato bíblico, e o tempo da fundação da mulher é posterior; antes, havia o homem, não apenas a esperá-la, mas a ser sua fonte. Em Camões, repito, a hierarquia é bem outra: primeiro dado do poema: “Aquela cativa”. Poderia ser óbvio, já que um tema se apresenta é mesmo assim, não importa se feminino, masculino ou neutro. Mas poderia ser óbvio se o jogo não fosse tão claramente jogado em outros versos: “e, pois nela vivo,/ é força que viva”. Se Deus resolvesse arrancar a costela de um ser para fundar outro, esquecendo Adão e Eva e dedicando-se a Camões e à não-bárbara, teria que inverter sua ordem, teria de ter fundado primeiro a mulher. Mas se Deus quisesse permitir o andrógino refeito pela prática erótica, deixaria os dois assim, mutuamente vivos um no outro.

Portanto, a memória bíblica não segura a pena camonianiana para coescrever o poema. Longe disso. A memória bíblica mantém-se deveras distante. Talvez Camões sempre tenha preferido o paraíso do Corão ao bíblico, como suspeita Helder Macedo tendo em mente a Ilha dos Amores d’**Os lusíadas**. Talvez Camões, salvo raras exceções em sua obra, seja a lírica, a épica ou a dramática, sempre tenha preferido este ao outro mundo. É certo, acima de tudo, que ele sempre preferiu o feminino, não apenas na escolha das musas, mas em diversos gestos. Exemplo: não foi Camões o primeiro a corporizar a “senhor fremosa” das Cantigas de Amor medievais, “senhor” de corpo tão atuante quanto o de uma admirável estátua, apesar de ter contribuído imenso para essa corporização; houve poesia entre a “senhor” e o vate – Sá de Miranda que o diga –, poesia bastante para algum corpo se encontrar na “senhor” ainda “fremosa” e já um bocado vívida quando chegou Camões às letras. Mas se não foi Camões o primeiro a corporizar a “senhor fremosa”, foi o poeta que jogou na cama a Dama petrarquista, inatingível e neoplatônica, pois “este puro afeito” no vate

“se dana”. (CAMÕES, 2005, p. 120)

Se distante a memória bíblica, bem próximos o corpo da amada e o tempo da prática amorosa. A sabedoria do poeta é muita, e começa a ser sábia na humilde conferência ao outro do poder da relação amorosa, invertendo diametralmente a relação de poder social, econômica e, por extensão, racial. Aproveito-me agora de uma asserção fundamental de Michel Foucault, porque o caso é mesmo de arte e sabedoria: “Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência.” (FOUCAULT, 1997, p. 57). Distante o interdito, mais distante a aceitação de um discurso, ainda Foucault, que domestica o sexo, já que nossa “civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma *scientia sexualis*.” (FOUCAULT, 1997, p. 57). Camões, poeta erótico, Camões, mestre de uma “*ars erotica*”, pois “a verdade é extraída do próprio prazer”: “Aquela cativa” “me tem cativo”, e quem tem poder erótico, amoroso e sexual é quem não o tem no jogo social, já que a “cativa” cativa o sujeito, tornado, portanto, cativado, seduzido, preso. Isso não é familiar à perspectiva camoniana de amor? “Amor” “é servir a quem vence, o vencedor” (CAMÕES, 2005, p. 119), e não tenho notícia de derrota assim tão saborosa.

“Eu nunca vi rosa/ em suaves molhos,/ que para meus olhos/ fosse mais fermosa”. No poema, antes do falo a “rosa”, sugestão, entre outras sugestões, de vagina, e a memória do falo mesmo Freud concede ao feminino quando pensa na “extinção de uma zona sexual nas meninas, o clitóris, na passagem da infância para a adolescência, e sua substituição pela vagina”, de acordo com Lícia Carvalho Marques, já que “na infância só se pode falar de um único sexo, o masculino.” (MARQUES, 2004, p. 19). O notável pensador considera, portanto, que não há “nada que se compare aos percalços enfrentados pelas mulheres no caminho para a sexualidade adulta normal” (MARQUES, 2004, p. 19), e que na “mudança de zona erógena dominante”, do clitóris para a vagina, “residem os principais determinantes da propensão das mulheres para a neurose, especialmente a histeria” (*apud* MARQUES, 2004, p. 15-16). A histeria aqui não me importa, pois a personagem camoniana de histórica nada tem, exceto por seu poderoso (ao menos metafóricamente) útero. O que quero pensar é numa “rosa” que

já foi masculina, e masculina outra vez será por ser feminina, e não tomo com muita força a mão de Freud, apenas o chamo, com todo o respeito, à conversa. Não é apenas, de acordo com o tcheco, a “mudança de zona erógena dominante” que torna mais complexa a vida sexual feminina. Em **O futuro de uma ilusão**, lê-se: “Não é verdade que os dois principais pontos do programa de educação infantil atualmente consistem no retardamento do desenvolvimento sexual e na influência religiosa prematura?”; conclui Freud: “Dessa maneira, à época em quem o intelecto da criança desperta, as doutrinas da religião já se tornaram inexpugnáveis.” (FREUD, 2001, p. 74-75)

Tanto Freud é para salientar que as endechas camonianas colocam a mulher num lugar nunca histórico e jamais interdito pela religião (aliás, Freud tinha enorme razão no livro recém-citado, merecedor de cada vez mais releituras atentas). O *Fort-Da* do poema é outro: “*bárbara* não”, porque ela tem “siso”; “cativa” apenas socialmente, pois “cativo” é o sujeito; preta, “Pretos os cabelos”, e o “louro” vê-se enfeado por não saber ser negro, agora a cor do amor; “olhos sossegados./ pretos e cansados”, pois sofridos e sábios, experientes e amantes. Mas, sobretudo, o falo de volta a quem sempre o possuiu: “nela enfim descansa/ toda a minha pena”. É evidente que “pena” é vocábulo multissêmico: “nela” meu sofrimento descansa e se apazigua; por ela e sobre ela escrevo, portanto “nela” me inscrevo como sujeito amante e a partir dela existo como poeta – sim, da mulher a origem, ou, em outras palavras, “nela enfim” residiu a minha costela; além disso, “pena” como falo: minha “pena” nela descansa, está nela, é “minha” mas dela, sobretudo dela. Ou seja, “*ars erotica*”, não, com a licença do inesgotável Freud, “*scientia sexualis*”. “e, pois nela vivo./ é força que viva”, nasça muitas vezes e experimente meu próprio falo concedido. Teria ela inveja? Claro que não: por que ter inveja de algo que já se tem?

Foucault e Freud já andaram por aqui, mas é necessário que venha ao caso a obra que me fez perceber as endechas camonianas como hoje as percebo: **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**, de Agnese Baruzzi e Sandro Natalini. Não reproduzirei neste ensaio as ilustrações do livro, tampouco poderei dar conta da data de filigranas que nele há. Ficarme-ei pelo relato, quando vier ao caso, e pelo dimensionamento da relação

entre masculino e feminino que a obra apresenta. Ressalto que tive contato com uma tradução, e todas as citações feitas serão, evidentemente, à tradução. Além disso, as referências virão sem números de páginas porque se trata o livro de uma edição baseada na imagem, e, portanto, sem números expressos nas páginas.

O primeiro texto que aparece no livro é uma carta escrita pelo Lobo Mau e endereçada à Chapeuzinho Vermelho. Reproduzo o interessantíssimo texto – cujo papel de carta tem uns corações mal desenhados e diversos borrões –, inteligentemente cheio de erros de ortografia:

Querida Chapeuzinho Vermelho:

Sei que voce vai levar um susto de receber uma carta minha. Fomos inimigos durante muitos anos mas estou cansado de ser mal o tempo todo e de ninguem gostar de mim. Voce poderia pooor favor me mostrar como posso ser bomzinho que nem voce? Quero ter boms modos (e melhorar minha ortografia) e aprender a ser gentil uma vez na vida. Com sua ajuda sei que conceguiria mudar a opinião que as pesoas tem de mim.

Ceu amigo Lobo Mal

P.S. – Voce e um escelente esemplo de comportamento.  
(BARUZZI; NATALINI, 2008)

A motivação do Lobo é clara: “mudar a opinião” que se tem sobre ele. Também é clara, mesmo se se pensa no uso comum da expressão “lobo mau” – ainda que em suas variantes apreciativas –, uma masculinidade fálica, sempre disposta a seduzir, seja como for, e a “comer” mulheres ingênuas e desprotegidas. É claro também que a não-bárbara nada tem de ingênuas ou desprotegida, e por isso ela é capaz de potencializar o falo e a fala de seu amante. Ingênuas e desprotegidas é a Chapeuzinho, “esemplo” do “comportamento” que certa mentalidade (ainda) espera do feminino. Do Lobo, em tempos politicamente corretos, espera-se uma conduta mais socialmente aceitável, e o que o preocupa, portanto, é sua imagem, é a “opinião” alheia.

Chapeuzinho atende ao pedido do Lobo e chama-o a sua casa. Diz-lhe ela: “Vamos começar logo com sua reeducação. A regra mais importante é

NADA DE CARNE”, assim mesmo, em maiúsculas. Preocupação com a saúde do Lobo em mais um movimento politicamente correto? Talvez. Mas estamos no terreno da carne (“nela enfim descansa/ toda a minha pena”: pulsante a carne da amada de Camões), e volto a Freud: um dos “dois principais pontos do programa de educação infantil” consiste no “retardamento do desenvolvimento sexual”. O Lobo Mau, talvez um caso perdido, poderá ter nova chance a partir da educação. Que tipo de educação? Foucault, mais uma vez: “Saltzmann chega, até, a organizar uma escola experimental cuja característica particular consistia num controle e numa educação sexual tão bem pensados que nela o pecado universal da juventude nunca deveria ser praticado” (FOUCAULT, 1997, p. 31), isso no século XVIII. O Lobo provavelmente já terá praticado o “pecado universal da juventude”. Mas se a educação pode retardar e evitar, não poderá também corrigir – o livro de receitas que Chapeuzinho consulta se intitula “Refeições sem-carne para carnívoros recuperados”? Não é a correção um dos princípios das prisões? E prisões e escolas, ensinou-nos, entre outros, Louis Althusser, não possuem uma gênese comum? Entre diversos itens a ser cumpridos na “reeducação”, cabe ao Lobo “ser bonzinho com a vovó”, e a Chapeuzinho, polícia de um bom comportamento da ordem do “NADA DE CARNE”, observa o lanche entre a avó e o novo amigo por uma janelinha que, aliás, tem de ser aberta pelo leitor para que se veja quem ali está escondido.

Resultado: “Em pouco tempo, todo mundo percebeu como o Lobo estava bonzinho. Ele se tornou uma celebridade na floresta”. E o Lobo passa a dar entrevistas, e o Lobo aparece no jornal local, e o Lobo rouba da Chapeuzinho o lugar de ser mais “bonzinho” da comunidade. A aceitação é total, e o Lobo, enfim, graças à reeducação conduzida pela Chapeuzinho, consegue modificar a opinião que se tem sobre ele. Mas a educadora, agora, sofre porque perdeu seu posto, e a crítica do livro é aguda e sutil, pois o índice mais flagrante da mudança de panorama é certa pesquisa de opinião pública vinda no jornal impresso: “Quem é o mais bonzinho: Lobo ou Chapeuzinho? Sua opinião: 63% Lobo, 32% Chapeuzinho (5% indecisos)”. Dentro da cultura da celebrização pelo politicamente correto, bastou que o Lobo fosse divulgado em canais da mídia para que se tornasse de Mau em “bonzinho”, perdendo até seu aceito (vide a carta já citada)

epíteto característico.

O sofrimento da Chapeuzinho atinge o insuportável: “Chega! Isso foi longe demais. Eu é que devia ser a pessoa mais popular aqui”. Aproximarse-ia o momento da chegada da mimada personagem à “sexualidade adulta”? “Então, ela bolou um plano para mostrar a todos como o Lobo era DE VERDADE...”. Chapeuzinho escreve uma carta, assim como foi por meio de uma carta que o Lobo solicitara ajuda à menina. Não é certamente ingênua a atualização, com alguma ironia, da estratégia epistolar da literatura romântica, pois não terá lugar aqui uma estória de amor com laivos idealizantes. A carta:

Querido Lobo,  
por favor, venha à minha festinha especial, amanhã à tarde.  
Vai ter um monte de comida gostosa.  
Com carinho,  
Chapeuzinho Vermelho  
P.S – Não falte!  
(BARUZZI; NATALINI, 2008)

A sedução é pela comida, e faz sentido cogitar que a escolha da Chapeuzinho é pelo que mais calaria fundo no desejo do destinatário. A trapaça se encontra precisamente num “sanduíche misterioso”, que reverterá a total abstinência de carne da dieta da personagem que se tornara bonzinho e vegetariano, ou seja, que não “come” ninguém: “Assim que o Lobo deu uma mordida no sanduíche misterioso, ele voltou a ser o malvado de antes”. Um dos grandes momentos de **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho** é o recheio do “sanduíche misterioso”, escondido do leitor pelo desenho do pão do sanduíche, que perfaz uma aba; aberta a aba, vê-se o tal recheio, bastante claro, e um texto, mais claro ainda, em nova caixa alta: “UMA SALSICHA!!!”. Na folha seguinte, encerra-se o livro: a imagem é da Chapeuzinho levando uma cestinha pela floresta, bastante ciente de que o Lobo a espreita atrás de uma árvore, e o Lobo efetivamente a espreita atrás de uma árvore. Lê-se: “Chapeuzinho Vermelho ficou muito contente de voltar a ser a pessoa mais boazinha da Floresta. Para provar, ela foi levar uma cesta de guloseimas para a Vovozinha. Quanto ao que aconteceu depois... Bem, você conhece a história oficial.” Chegou a menina mimada



à “sexualidade adulta”? O certo é que, mesmo adotando uma estratégia em muitos aspectos discutível, Chapeuzinho recoloca as coisas em ordem, e não se perca de vista que a ideia da mudança de caráter do Lobo é do próprio Lobo.

Camões de volta: ao sair da leitura próxima das endechas, grafei que o sujeito vive na amada (“e, pois nela vivo,/ é força que viva”) por ter nela seu lugar de origem e termo, e é “nela” que “descansa toda” sua “pena”: penetração, e também intercâmbio do falo, que volta a ser dele porque ela lho devolve. Não terá o Lobo aberto mão de seu falo? Pobre Lobo: “NADA DE CARNE” então, pois a “reeducação” consistiu concretamente em interditar a ele “o pecado universal da juventude”, para que “nunca” (mais?) fosse “praticado”. Chapeuzinho desespera-se, e a ilustração final do livro incita alguns problemas: será mesmo que é a perda da popularidade a razão mais forte do drama da personagem? Ou o olhar esquivo na direção de onde se esconde o novo velho Lobo na floresta sugere que não é exatamente a popularidade o que estava prioritariamente em causa? Aliás, por que foi esse livro que me fez perceber as endechas camonianas como as percebe? Porque eu cogito com entusiasmo que a razão central do desespero da Chapeuzinho foi perceber, durante um processo de chegada à “sexualidade adulta”, que havia perdido um item fundamental da prática de seu erotismo: o outro, o masculino. Como o falo a ela pertencia, ela o pôde devolver ao Lobo (a imagem da salsicha é tão imediata que sequer preciso comentá-la), e a feminilidade viu-se em plena condição de se cumprir.

Portanto, é dela a demanda e o tempo da utilização fálica: “nela enfim descansa/ toda a minha pena”. Existe, mais que qualquer ideia de pertença, um intercâmbio inexorável entre o masculino e o feminino, e a memória que joga esse jogo talvez seja a do andrógino. Em outra parte, escrevi, tendo como mote um poema e uma poeta que muito em breve aqui estarão: “Metamorfoses, diversas (...). E um ‘trajo’, criador de ‘seios’ num corpo fortemente hermafrodita, objeto possível se quem o inventa dota-se do melhor poder, em cuja origem está, certamente, o gesto de Prometeu.” (MAFFEI, 2008, p. 187). Que gesto? Silvina Rodrigues Lopes dirá melhor que eu:

No princípio era o fogo. Entre as lendas que se referem à técnica, a que é protagonizada por Epimeteu e Prometeu fala-nos daquilo que Lacan designou por prematuridade do homem e sua falha original. Segundo uma das versões do mito, quando Epimeteu distribuiu aos animais os presentes de Deus, coisas como garras, asas, peles deslumbrantes ou dentes ferozes, não fez bem a partilha e esqueceu-se do homem, deixou-o sem nada: nu, descalço e indefeso. Foi para suprir essa falta que Prometeu roubou o fogo e o deu aos homens, possibilitando-lhes desenvolver a técnica (...). (LOPES, 2003, p. 40-41)

A “falha original” “do homem” é tema dos mais presentes na poesia de Camões, e um dos motes de seu vigoroso erotismo. Os homens somos, à partida, falhados, e o fogo dá-nos a técnica, não apenas para brincar de sobreviver num ambiente hostil, mas para superar limites como o da masculinidade e da feminilidade. Cogito que o “tempo do falo”, sintagma que comparece ao título deste escrito, é exatamente a possibilidade técnica e mítica de o masculino e o feminino se encontrarem, se mesclarem e confundirem, pelo intercâmbio, suas especificidades, sejam as naturais, sejam as construídas pela cultura. Por isso as figuras do andrógino e do hermafrodita aproximam-se tanto da perfeição, pois reúnem em si a totalidade do que o humano tem de potencialmente erótico. Não é à-toa que, em francês, Rilke escreveu:

É somente o Hermafrodita  
que está inteiro lá onde habita.  
Nós buscamos por toda parte  
a de tais Semi-Deuses perdida metade.  
(RILKE, 1995, p. 35)

Chamo a atenção para o original: onde, na tradução de Fernando Santoro, se lê “inteiro”, no original lê-se *complet*. O sintagma grafado por Rilke, “qui est complet” (RILKE, 1995, p. 34), dá conta de uma possibilidade de permanência, em virtude de *être* não ser traduzível apenas por “estar”, mas também por “ser”. Portanto, no poema de Rilke, o “hermafrodita” “é completo”. Parto desse entendimento para chegar ao tal poema da tal poeta, o que me levou a citar-me e a rumar, depois, em direção a Silvina e Rilke.

O poema, “Pelo corpo”; a poeta, Luiza Neto Jorge:

infinita invenção  
de pétala a escaldar  
desprende o falo

a palavra sublinhada  
que é ele a avançar-me  
pelo corpo

a porta giratória  
que me troca  
pelo homem e, a este,

o fértil traje  
que lhe cria mais seios  
pelo corpo  
(JORGE, 2001, p. 207)

Da mulher o falo, do homem os “seios”? É por essas e outras que Jorge Fernandes da Silveira detecta um “surpreendente e desassombrado erotismo” (SILVEIRA, 2008, p. 12) na poesia de Luiza? Talvez a perfeição, o *complet*, só possa mesmo advir da “troca”, da metamorfose, do “traje” criador de “seios” num corpo fortemente hermafrodita, objeto possível se quem o inventa dota-se do melhor poder, em cuja origem está, certamente, o poder da palavra, o poder da fala poética: “infinita invenção”. Preciso ficar muito atento ao substantivo nodal da primeira estrofe, “pétala”. A naturalidade a ser construída faz com que seja natural a “invenção”, e a “pétala” será, a um tempo, autora e resultado do invento, já que “pétala” é, a um tempo, realidade natural e coisa bela. E a “pétala” encontra-se “a escaldar”: não um sacrifício, talvez uma queimadura, mas no sentido, de novo, da beleza, da tatuagem: primeiro sinal do novo corpo, primeiro de seus enfeites. Preciso ficar também atento ao verbo nodal da primeira estrofe: “desprende”, que desembocará no “falo”. Num primeiro momento, imagino que o “falo” tenha sido, de algum modo, desamarrado, desligado do corpo, pois as versões que a cultura predominantemente masculina dão ao “falo”, decerto, precisam ser superadas, assim como, para Freud, a menina terá, se existe um único sexo na infância, de obter a feminilidade no

correr da vida. Mas não penso que a feminilidade no poema seja obtida: ela é, conquistada de antemão, pressuposto, e não porque “Pelo corpo” tenha sido escrito por uma mulher, nem porque seu sujeito lírico seja expressamente feminino (não o é), mas porque os dois primeiros versos, os que antecedem o desprendimento do falo, são rigorosamente femininos, e falo de gênero gramatical: “infinita invenção”, dois vocábulos femininos, “de pétala”, outro vocábulo feminino.

São esses femininos mecanismos da língua que permitem o desprendimento do falo. Por outro lado, se posso falar em desprendimento, e se o poema apresenta um elemento natural e, conseqüentemente, uma perspectiva de tempo, suponho que “Pelo corpo” pretende inventar o tempo de um novo falo. Desprendido, esse “falo” será capaz de novas ações, pois logo após seu desprendimento, sua soltura, ele “desprende” um masculino corpóreo. Mas atenção: antes do surgimento de “ele”, “a palavra sublinhada” (outro sintagma inteiramente feminino) “que é ele”. Não só: “a palavra sublinhada/ que é ele a avançar-me/ pelo corpo”. E se se invertesse o gênero dos versos camonianos? “nele enfim descansa/ toda a minha pena”. Luiza seria capaz disso, e foi capaz de tornar esta leitura capaz disso. É mesmo o caso. Aqui neste texto e só neste texto, proponho uma analogia: “a palavra sublinhada”, a “palavra” no feminino, permite o avanço de “ele” (e, em rigor, é o avanço de “ele” “pelo corpo” do eu do poema), assim como o movimento no feminino de oferecer a salsicha ao Lobo permite o vindouro avanço dele, o Lobo. Avanço, movimento? “a porta giratória/ que me troca/ pelo homem, e, a este,/ o fértil traje/ que lhe cria mais seios/ pelo corpo”.

É notável que “pelo corpo” ocupe posições tão estratégicas: título, último verso da segunda estrofe, último verso da quarta e também do poema, que possui doze. Assim, a distribuição é simétrica, pois “pelo corpo”, após ser a primeira informação, ocorre mais duas vezes, sendo sempre verso inteiro, e cinco outros versos se encontram entre o título e “pelo corpo”, verso sexto, e cinco outros versos se encontram entre o verso sexto e “pelo corpo”, verso décimo-segundo e final. É sutil, mas evidente: “pelo corpo” é eixo do poema, em cima, embaixo e ao centro. Desse modo, axial é o “corpo”, invenção da mistura entre masculino e feminino, mas não só: axial é o corpo como lugar e motivo: “pelo corpo”: ao longo do “corpo”, que se tor

na espaço a ser intervindo pela sexualidade em tempo fálico e mastológico – não uso o termo em seu sentido médico, mas em virtude de ele apresentar tanto “masto” como “logos”. Ademais, “pelo corpo”: em nome do corpo, razão de ser do encontro e da fundação do “fêtil trajó”, o corpo novo e *complet*, com “falo”, “seios” e “troca” em estado de “porta giratória”. Se Luiza é autora do magnífico “A porta aporta”, e se lá, no princípio dos anos de 1960, ela encerra o poema com o verso “A porta leme” (JORGE, 2001, p. 45), aqui, em “Pelo corpo”, no final dos mesmos anos de 1960, a “porta” gira porque ainda é “leme”, mas “leme” em movimento vertiginoso e de encontro a seu próprio eixo: portas giratórias não realizam deslocamentos ao longe, tão somente giram, tendo encontrado seu lugar. Se esse lugar é o corpo, “pelo corpo”. Mas girar é uma experiência jamais estática. Logo, a realidade é de constante cinesia.

Luiza é também autora de uma estrofe já célebre na literatura portuguesa contemporânea: “falo/ com uma agulha de sangue/ a coser-me todo o corpo/ à garganta” (JORGE, 2001, p. 57), a segunda da parte I de “O poema”. O “falo” está dela; assim, a fala é dela, e o jogo nem é tão surpreendente por isso. O jogo é deveras surpreendente porque há uma imagem concreta, espantosa: a de uma felação, que em hipótese alguma impede o discurso, que pertence à boca em que o “falo” se encontra. Além do mais, existe aí uma conversa, pois “falo/ com uma agulha de sangue”, entendome com o “falo”-“agulha”, digo-lhe coisas, “todo o” meu “corpo” pode ser cosido ao lugar em que se encontram felação e fala. É extraordinário o sentido humanista que advém de certo efeito de leitura desses versos: está em cena um *homo erectus*, que será, sem dúvida, um *homo eroticus* na *ars erotica* de Luiza, em cujo caso, diz Rosa Martelo, “(...) mais que de poesia erótica devemos falar (...) de uma escrita erotizada.” (MARTELO, 2004, p. 168 - grifo do autor). Nossa “civilização, pelo menos à primeira vista, não possui *ars erotica*. Em compensação é a única (...) a praticar uma *scientia sexualis*”, repito o que disse Foucault. Que ciência em Luiza? Talvez a de um saber que se instaura pela aprendizagem e pela experiência, bastante bem dito pela metáfora da “porta giratória”.

Memória do falo: “na pré-história do homem, era indubitavelmente o pai que praticava a castração como um castigo, e que o suavizou, depois,

na circuncisão.” (FREUD, 1996, p. 94). Da mulher o falo e à mulher a devolução do falo ao homem, que, femininamente, pode dele fazer masculino bom uso: assim com o sujeito das endechas camonianas, assim com o Lobo, assim com Luiza e seu “falo” desprendido e na boca – e, no limite, com a superação da dicotomia entre masculino e feminino na figura do “trajo” com “falo” e “seios”. Tempo do falo: imparável atualização simbólica em artes eróticas como as que me ocuparam neste ensaio. Diverso tempo, portanto diversos tempos. E uma extrema possibilidade de presente, seja no século XVI, no XX ou num livro que se diz, e é dito, prioritariamente para crianças. Gosto de um comentário de Maria Rita Kehl: “É em sua singularidade que homens e mulheres interessam à psicanálise, e na singularidade nenhum homem e nenhuma mulher são idênticos ao sexo a que pertencem.” (KEHL, 1998, p. 334-335). É claro que o interesse que a psicanálise tem para minha leitura é pontual. No entanto, o que Maria Rita Kehl chama de “singularidade” interessa-me bem mais. Assim, nas práticas eróticas que têm lugar nas obras por onde passei, “nenhum homem e nenhuma mulher são idênticos ao sexo a que pertencem”, ou seja, o masculino, em natureza ou cultura, não poderá ser idêntico a si, tampouco o poderá o feminino. Em tempo, o falo é de ambos. Por isso, ainda mais se eu penso em termos de “porta giratória”, faz todo o sentido que a “pena” seja dela, “cativa”, e “cativo” seja ele, o Lobo.

## Abstract

To think of eroticism means to think about time; not in the chronological sense, but in terms of a retake that takes place in the arts. In culture's history, it is often common to find a major discussion involving the feminine and the masculine, generally in a dichotomic way. It is literature's own task to suspect conventions, including the ones that deal with sexuality. In relation to the theme of “phallus” in portuguese literature, two poets are of major significance: Camões, evidently, and Luiza Neto Jorge, an outstanding name of portuguese poetry of the XXth century. Interesting meanings result from reading comparatively both poets and the children's book **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho** (*The True Story of Little Red Ridding Hood*), since different literary genders meet and the “phallus”, as a strong topic in the feminine and masculine relationship, becomes one of the main problems in the book.

**Key words:** Time; Phallus; Camões; Little Red Ridding Hood; Luiza Neto Jorge.

## Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 2 ed. Tradução Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARUZZI, Agnese; NATALINI, Sandro. **A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho**. Tradução Índigo. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. Edição organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto editora, 1978.

CAMÕES, Luís de. **Rimas**. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro José da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1 – a vontade de saber**. 12 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas – volume XVIII**. Edição brasileira Jayme Salomão, Tradução de Eudoro Augusto Macieira dos Santos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JORGE, Luiza Neto. **Poesia**. 2 ed. Organização e prefácio de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino – a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LOPES, Silvina Rodrigues. **A Inocência do devir – ensaio a partir da obra de Herberto Helder**. Lisboa: Vendaval, 2003.

MACEDO, Helder. **Camões e a viagem iniciática**. Lisboa: Morais, 1980.

MAFFEI, Luis. O longo animal que é Luiza Neto Jorge. In: PEDROSA, Célia; ALVES, Ida (Org). **Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 186-194.

MARQUES, Lícia Carvalho. **Novas elaborações psicanalíticas sobre a sexualidade feminina a partir do declínio da lógica fálico edípica**. Dis-

sertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 2004.

MARTELO, Rosa Maria. **Em parte incerta** – estudos de poesia portuguesa moderna e contemporânea. Porto: Campo das Letras, 2004.

RILKE, Rainer Maria. **Jardins**. 2 ed. Edição bilingue. Tradução de Fernando Santoro. Rio de Janeiro: 7Letras, 1995.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. Implicâncias: Luiza, duas os três coisas à minha maneira. In: JORGE, Luiza Neto. **19 recantos e outros poemas**. Organização de Jorge Fernandes da Silveira e Mauricio Matos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 7-18.

**Tradução do novo mundo das Escrituras Sagradas**. Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados. Edição brasileira, 1986.